

FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O CORPO DA MULHER
NEGRA E SUA IMAGEM CORPORAL**

Estudante autora: Isabella Ferreira de Assis Souza

Estudante colaboradora: Beatriz Mendonça Azevedo Bezerra da Silva

Orientadora: Profa. Msc. Maria Angélica Bezerra de Oliveira

RECIFE

2018

Pesquisadores:

Estudante autora: Isabella Ferreira de Assis Souza

Função: Acadêmica do 7º período da graduação do curso de Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde.

Telefone: (81) 99890-0605

E-mail: isbla@icloud.com

Estudante colaboradora: Beatriz Mendonça Azevedo Bezerra da Silva

Função: Acadêmica do 7º período da graduação do curso de Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde.

Telefone: (81) 99927-9908

E-mail: beatrizmabsilva@gmail.com

Orientadora: Profa. Ms. Maria Angélica Bezerra de Oliveira

Função: Tutora da Faculdade Pernambucana de Saúde.

Telefone: (81) 99598-8840

E-mail: angelica.mabo@gmail.com

RESUMO

Cenário: A partir da teoria da representação social, que segundo Gomes (2006) é a articulação de elementos afetivos, sociais e mentais, integrados à comunicação, linguagem, cognição e das relações sociais. São trazidos elementos contidos na história brasileira, que contribuem significativamente para a representação da imagem corporal da mulher negra atualmente. **Objetivo:** Compreender qual a representação social do corpo na perspectiva de mulheres negras. **Método:** Por ser uma forma adequada para se entender a natureza de um fenômeno social, o estudo será realizado pelo método qualitativo. A amostra foi, intencionalmente, constituída por mulheres negras vinculadas a uma Organização Não Governamental, localizada na região metropolitana de Recife. Foi utilizado como instrumento uma entrevista semiestruturada, cujo os dados coletados foram analisados à luz do método de análise de conteúdo, tendo como referencial, a Teoria das Representações Sociais. A pesquisa apenas foi realizada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde, e as entrevistas iniciadas mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. **Resultados/Discussão:** A partir da análise das entrevistas identificou-se que o corpo, a imagem corporal, como também a identidade da mulher negra ainda recebe influências de representações trazidas desde o período da escravidão, mantendo a ideia de corpo funcional, como instrumento de servidão e trabalho. **Considerações Finais:** A realização de estudos como este trabalho direcionado a questões centrais da população negra é de extrema relevância para o aumento do conhecimento acerca dessa população, historicamente alijada e colocada em segundo plano.

Palavras chaves: representações sociais, corpo, mulheres negras, imagem corporal.

TABELA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

SIGLA/ ABREVIATURA	SIGNIFICADO
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
FPS	Faculdade Pernambucana de Saúde
ONG	Organização Não Governamental
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO	6
II.	JUSTIFICATIVA	12
III.	OBJETIVOS	13
IV.	MÉTODO.....	14
4.1.	Desenho do estudo	14
4.2.	Local do estudo	14
4.3.	Período do estudo.....	14
4.4.	População do estudo e Amostra.....	14
4.5.	Critérios de elegibilidade	14
4.5.1.	Critérios de inclusão	14
4.5.2.	Critério de exclusão	14
4.6.	Processo de capacitação dos participantes	15
4.7.	Critérios para descontinuação do estudo.....	15
4.8.	Processamento e análise de dados	15
4.9.	Instrumento e coleta de dados.....	15
4.10.	Aspectos éticos	15
4.11.	Análise de riscos e benefícios para os sujeitos da pesquisa.....	15
4.12.	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	16
V.	RESULTADOS/DISCUSSÃO	17
VI.	CONSIDERAÇÕES FINAIS A RESPEITO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	35
VII.	REFERÊNCIAS.....	36
	APÊNDICE 1	38
	APÊNDICE 2	39
	ANEXO I	41
	ANEXO 2	42

I. INTRODUÇÃO

O corpo é modificado continuamente de acordo com as mudanças sócio históricas que ocorrem em todas as sociedades, carregado de todas as ideias existentes socialmente. É através da sua relação com o corpo, desde o seu nascimento, que o indivíduo encontra maneiras de expressar seus valores e sua posição no mundo. Este mesmo corpo assume diferentes significações sociais que vão para além do funcionamento orgânico, comum a todos os corpos, mas traz consigo ideologias e conceitos sociais que demonstram a maneira que determinada sociedade lida com tal corpo (ARRUDA, 2002)

A linguagem é o instrumento pelo qual essas ideias são transmitidas e ganham grande lugar na organização social. É através dela que os indivíduos compartilham e constroem o conhecimento acerca do corpo e conseqüentemente, definem maneiras de agir e comportar-se diante deste. A comunicação é a chave do processo do surgimento de significações e representações sociais (GONÇALVES, 1997).

As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Deste modo, as representações sociais são elaboradas socialmente a partir da expressão e da relação individual com o objeto e compartilhado através da linguagem, comunicação e conversação a fim de manifestar realidade de determinados conjuntos sociais (ALEXANDRE, 2004).

De acordo com Arruda:

A representação social seria uma forma de conhecer típica dessas sociedades, cuja velocidade vertiginosa da informação obriga a um processamento constante do novo, que não abre espaço nem tempo para a cristalização das tradições, processamento que se esteia no olhar de quem vê. A representação social, portanto, não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta. Ela está em transformação como o objeto que tenta elaborar. É dinâmica, móvel (Arruda, 2002).

Através da comunicação e da conversação o saber é transmitido com o objetivo de modificar as percepções, uma vez que ter conhecimento é ter poder e este poder se manifesta a partir de estratégias de controle social. Tudo que é transmitido tem um objetivo, um sentido e um propósito oculto que se busca descobrir (MOSCOVICI, 1978). Dessa maneira, os processos

de construção de representações sociais são importantes para entender a dinâmica do surgimento e transmissão do conhecimento.

De acordo com Moscovici, a objetivação e a ancoragem são os dois principais conceitos para a estruturação de uma representação no meio social. De acordo com este autor, “objetivar é absorver um excesso de significações, materializando-as. É também transplantar para o nível de observação o que era apenas inferência ou símbolo”. Já a ancoragem tem como operação a familiarização do sujeito para com o sujeito objeto, à medida que o objeto se circunscreve em seu repertório que é modificado pelo conhecimento adquirido cotidianamente (MOSCOVICI, 2007).

A partir disto, a representação social é a articulação de elementos afetivos, sociais e mentais, integrados à comunicação, linguagem, cognição e das relações sociais. Sendo assim, as condições que propiciam a produção das representações são a cultura, a comunicação, e a linguagem, ademais a inserção socioeconômica, institucional, educacional e ideológica do sujeito social que a produz (GOMES, 2006).

O corpo, como compreensão do saber prático, a partir do conceito de representação social, é o meio que o indivíduo possui de ser no mundo, é a pessoa, o sujeito. É a maneira que o indivíduo encontrou para articular-se com o mundo, expressar-se e absorve-lo (GOMES, 2006).

Entender o corpo a partir das representações sociais é classificá-lo como objetivável, uma vez que os fenômenos de representação também são de nível cognitivo e se referem ao pensamento e noção da vida cotidiana dos inúmeros grupos sociais e sujeitos que constroem esses assuntos (MOSCOVICI, 2007).

Diante do exposto, pensar o corpo dentro do viés da representação é concebê-lo como sujeito e objeto ao mesmo tempo, uma vez que é construído, mas também constrói as relações entre os indivíduos e suas sociedades. É considerar sua mutabilidade, seu movimento, visto que o ser humano, como ser social, está em constante relação com seu meio. O corpo é porta de entrada e saída, o corpo é a tela pela qual são expressas pensamentos, sentimentos e conceitos, sociais e individuais. A relação do indivíduo com seu corpo e as representações sociais do mesmo, dizem do lugar que o indivíduo ocupa na sociedade que está inserido (GOMES, 2006).

Considerando que o corpo recebe influência de várias dimensões (medicina, mídia, tradições populares, entre outros), que reforçam seu conceito de construção social, deve-se

considerar o surgimento de um conceito multidimensional que acompanha o corpo, sem distinção de gênero, mas tem uma influência ainda maior em se tratando do corpo feminino. A imagem corporal está diretamente relacionada ao lugar ocupado pelo corpo nas sociedades (LOPES et al, 2017).

De acordo com Schilder, a imagem corporal é o resultado da relação dialética entre biológico e mundo externo. É construída através das figurações que o corpo possui para o indivíduo, pelo modo como o corpo se apresenta. Tais figurações resultam da criação de imagens e representações corporais que o indivíduo tem de si mesmo (SCHILDER, 1999).

Desta maneira, a imagem corporal também recebe influência das representações sociais do corpo contidas em determinada sociedade e/ou grupos sociais contidos no grande grupo. Os indivíduos constroem tais figurações/ imagens a partir de conceitos e ideias transmitidas socialmente, das experiências e vivências que estabelecem com seus corpos e dos discursos que permeiam e influenciam o funcionamento dos mesmos. Como é construída num processo dinâmico, toda alteração sofrida pelo corpo também altera a imagem que o indivíduo possui do mesmo e conseqüentemente tem impacto na relação entre corpo-indivíduo (LOPES, 2017).

Para Tavares, a imagem corporal é o ponto inicial para o desenvolvimento da identidade do indivíduo. Ainda de acordo com Tavares, é através da imagem corporal que são refletidas as histórias de vida do indivíduo, o percurso que foi traçado pelo corpo e demonstram as formas de existência do mesmo. É através da imagem corporal que o indivíduo demonstra como está construindo a relação com seu próprio corpo (TAVARES, 2003).

Diante do exposto, o corpo da mulher negra possui características especiais de construção social e individual e a compreensão dessa construção se dá a partir do entendimento do lugar social ocupado pelo negro, este, por sua vez, entendido a partir de uma análise sociohistórica do percurso construído pelos negros e de como esse lugar foi dado a este grupo social. Em se tratando da população negra, as relações corpo-indivíduo-sociedade estão carregadas de peculiaridades, visto que existem marcas históricas determinantes para as relações encontradas nas sociedades atuais (GOMES, 2006).

A escravidão é o principal processo para entender o lugar que foi dado a população negra, uma vez que, esse processo baseado na desumanização desses indivíduos, tratados como mercadorias, em condições sub-humanas. Não podiam comunicar-se, devido a diferença de idiomas, não estabeleciam comunicação eficiente através da conversação. Seus senhores

possuíam conhecimento da linguagem e conseqüentemente, adquiriam mais poder sobre eles. Em seus corpos, eram percebidas características válidas para o consumo de mercadorias em bom estado, avaliadas apenas as suas capacidades de realizar de forma exemplar as atividades para os quais seriam designados (NOGUEIRA, 1999).

O corpo da mulher negra durante o período escravocrata também foi explorado e desumanizado. A escrava não tinha controle sobre seu corpo, sendo fonte de prazer e realização plena dos desejos de seus senhores. Não tinham o direito de exercer suas funções maternas, nem de vincular-se afetivamente. Esse processo de desumanização inerente à escravidão estabeleceu para o negro uma peculiar forma de individuação, à medida que não conseguia identificar-se com outros sujeitos, além de outros escravos que também carregavam consigo as significações e representações de mercadoria e de não-indivíduos (NOGUEIRA, 1999).

A escravidão foi um processo importante para a construção da identidade e das representações da mulher negra no imaginário social. Entretanto, não é possível negar que grande parte dos conceitos sociais e ideologias difundidas socialmente no decorrer do tempo derivam desse momento histórico, dos processos identitários e de subjetivação aos quais foram submetidos mulheres e homens negros (GOMES, 2017).

De acordo com Lélia Gonzalez, as representações sociais das mulheres negras partem de um mesmo sujeito, dentro de um mesmo enquadramento: a mulata, a doméstica e a mãe preta. Sendo essas classificações o referencial para o lugar social ocupado pela mulher negra, todos eles, construídos a partir de imagens sociais advindas da escravidão (GONZALEZ, 1983).

O engendramento da mulher negra no papel de doméstica e mulata teriam ocorrido como derivação da mucama, palavra muito utilizada no período escravista. O papel da “mãe preta” ocupado pela mulher negra representa o que a sociedade branca e burguesa espera dela de acordo com o histórico social: resignação, simpatia, passividade diante das situações de violência e opressão (CARDOSO, 2012).

De acordo com o exposto, as representações sociais possuem um papel importante na expansão do conhecimento sobre determinado objeto e grupo social em que se desenvolve e para o qual se destina. O surgimento das representações é a porta de entrada para o início de um processo social que tem como objetivo a manutenção da diferença, o estereótipo. Para Stuart Hall, o período escravista foi o ponto de partida para a criação da diferença racializada, uma

vez que os negros africanos eram reduzidos à diferença de seus corpos, e a naturalização, como estratégia para fixar a diferença (CARDOSO, 2012).

De acordo com Stuart Hall, o estereótipo estabelece a divisão entre o normal e o anormal. No entanto, afirma Hall, para ocorrer o processo de estereotipação é necessária uma acentuada clivagem social que reitera as desigualdades de poder socialmente existentes. Poder este, aqui entendido não apenas pelo controle econômico, mas que se estende ao poder através do controle cultural, simbólico e da linguagem (HALL, 1997).

No Brasil, o médico eugenista Nina Rodrigues, principal representante do movimento eugenista, acreditava na importância de se definir com maior rigor e diferenciar raças puras primitivas e raças cruzadas. Ele classificou como raças puras a branca, a negra e a vermelha. E entre a classificação dos mestiços, uma delas foi o mulato, resultante do cruzamento de um português e um africano. A formação de um povo mais branco permeava parte do pensamento da elite brasileira que acreditava, entre outras coisas, na “extinção” dos elementos “inferiores” através da mescla progressiva com imigrantes selecionado (NEVES, 2007 e 2008).

O corpo da mulher negra e africana foi utilizado inescrupulosamente por cientistas ocidentais brancos como marcador da diferença entre os corpos e para reiterar a supremacia do corpo branco entre as demais populações. As características biológicas do corpo feminino negro eram expostas à públicos e estudadas por vários cientistas cujo objetivo era estabelecer a diferença entre os corpos e a criação de estereótipo do corpo errado, sujo, doente e diferente (DAMASCENO, 2008).

As mulheres negras, por suas características já citadas, não eram passíveis de se relacionar com um branco, já uma mulata, por ter características mais próximas as brancas, eram socialmente aceitas. A mulata era representada na literatura por autores como Aluísio de Azevedo (*O cortiço*, 1890); Jorge Amado (*Gabriela, cravo e canela*, 1958); João Felício dos Santos (*João Abade*, 1958), através das metáforas dos cheiros, gostos e cores. Além de cheirosa e gostosa a mulata é muitas outras coisas nesses e em outros textos: é bonita e graciosa, dengosa e sensual; em suma, desejável.

Atualmente, outros meios são utilizados para a manutenção e disseminação de estereótipos relacionados a grupos sociais. As mulheres negras, que anteriormente eram retratadas na literatura através de especiarias, como citado anteriormente, hoje recebem espaço significativo na mídia de massa, que, sem pestanejar, reforça os estereótipos e representações

sociais inscritos na cultura e auxiliam na construção de identidades. A mídia possui esse enorme poder de interferir na construção das identidades do sujeito, oferecendo a base sobre a qual as identificações irão se processar (FARIA E FERNANDES, 2007).

A cultura da mídia oferece a base sobre a qual muitas pessoas constroem seu senso de classe, de raça e etnia, de nacionalidade, de sexualidade; enfim, ela nos ajuda na construção de nossa identidade e na determinação do que seja o “Outro”, o diferente do que somos (KELLNER, 2001). A televisão, por exemplo, não é o espaço da narrativa do real, mas da construção do real. Sendo essa construção perpassada nitidamente por processos de controle político da realidade que objetivam homogeneizar o coletivo (FARIA E FERNANDES, 2007).

II. JUSTIFICATIVA

O tema abordado nesta pesquisa é factível pois demonstra a necessidade de estudos que abordem tal temática, devido à escassez de trabalhos científicos. É interessante pois aborda um tema social importante e proporciona lugar de fala para um grupo social historicamente alijado e silenciado. É nova, pois discute um tema pouco trabalhado na academia, mas necessário para a formação profissional. Ética, estando de acordo com a resolução 510/16, que versa sobre a realização de pesquisas com seres humanos. E por fim, é relevante por proporcionar discussão e conteúdo para uma prática psicológica mais comprometida com questões de raça, gênero e classe.

III. OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Compreender qual a representação social do corpo e de sua imagem corporal na perspectiva de mulheres negras.

Objetivos Específicos

- Realizar revisão de literatura integrativa;
- Identificar a possível relação da representação social do corpo na perspectiva de mulheres negras com a construção da imagem corporal das mesmas;
- Elaborar artigo científico com rigor teórico a partir dos resultados obtidos na análise dos dados.

IV. MÉTODO

4.1. Desenho do estudo

O estudo foi de natureza qualitativa. No que se refere à pesquisa qualitativa, esta se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2009).

Assim como foi explicitado acima, segundo Richardson (1985), a abordagem qualitativa de um problema justifica-se pelo fato de ser uma forma adequada para se entender a natureza de um fenômeno social. Assim, as reflexões dos pesquisadores sobre suas ações e observações no campo, seus sentimentos e impressões tornam-se dados em si mesmos, o que vai constituir parte da interpretação.

4.2. Local do estudo

A pesquisa foi realizada na ONG Centro das Mulheres do Cabo, localizada na Região metropolitana do Recife, na Rua Padre Antônio Alves, 20, Centro, município do Cabo de Santo Agostinho.

4.3. Período do estudo

A pesquisa ocorreu entre fevereiro de 2018 até novembro de 2018 incluindo pesquisas bibliográficas, construção do pré-projeto e projeto, coleta de dados, avaliação dos resultados e apresentação dos mesmos.

4.4. População do estudo e Amostra

A população do estudo foi, intencionalmente, composta por mulheres negras que estão vinculadas a ONG Centro das Mulheres do Cabo e, participantes das Rodas de Terapia Comunitária.

4.5. Critérios de elegibilidade

4.5.1. Critérios de inclusão

Mulheres que se autodeclararão negra, maiores de 18 anos, vinculadas à ONG e que aceitarão participar da pesquisa.

4.5.2. Critério de exclusão

Mulheres que não se autodeclararão negra, não eram maiores de 18 anos, não vinculadas à ONG e que não aceitaram participar da pesquisa.

4.6. Processo de captação dos participantes

As participantes do estudo foram captadas pelas pesquisadoras desse projeto presencialmente, uma vez que as mesmas compareceram a ONG acima citada.

4.7. Critérios para descontinuação do estudo

O presente estudo não ofereceu qualquer risco à saúde física ou mental do sujeito que dele participar. Durante a realização do mesmo não ocorreu qualquer evento que implicou risco ao sujeito da pesquisa ou ao pesquisador.

4.8. Processamento e análise de dados

A análise de dados coletados foi realizada mediante aplicação de entrevista semiestruturada, com resultados obtidos através da gravação e transcrição das respostas foi realizada à luz do método de análise de conteúdo, que considera o texto como um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem (Caregnato e Mutti, 2006). Tendo como referencial teórico, a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2007).

4.9. Instrumento e coleta de dados

O instrumento utilizado para a realização da coleta de dados foi a entrevista semiestruturada (apêndice 1) construídos a priori pelas pesquisadoras, com o objetivo de adquirir informações subjetivas das entrevistadas acerca do tema em questão neste trabalho.

4.10. Aspectos éticos

A elaboração do projeto de pesquisa seguiu as normas e as diretrizes que são propostas na resolução 510/16. A pesquisa apenas foi realizada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), pelo número 91642918.0.0000.5569, sendo as entrevistas iniciadas mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2).

4.11. Análise de riscos e benefícios para os sujeitos da pesquisa

Alguns dos riscos avaliados pelas pesquisadoras foi o gasto de tempo em participar da pesquisa e o constrangimento em responder as perguntas contidas na entrevista, entretanto, as pesquisadoras reiteraram as participantes o absoluto sigilo das informações cedidas pelas mesmas e o único e exclusivo uso para fins acadêmicos, além de deixar claro, que a qualquer momento que desejassem, elas poderiam solicitar sua não participação na pesquisa. Os benefícios foram caracterizados pela possibilidade de reflexão acerca do tema, a partir das

experiências pessoais com seus corpos, que poderá servir como ponte para um caminho de empoderamento feminino.

4.12. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Participaram da pesquisa apenas as mulheres que concordaram, mediante a assinatura do TCLE, disponível no Apêndice 2. O TCLE é um documento obrigatório que informa e esclarece para o sujeito a implicação da pesquisa de maneira que ele possa tomar sua decisão de forma justa e sem constrangimento sobre sua participação no estudo. Esse termo é uma proteção legal do pesquisador e pesquisado, onde ambos estarão assumindo responsabilidades, como é considerado na resolução 510/16 pelo Conselho Nacional da Saúde.

V. RESULTADOS/DISCUSSÃO

Os resultados decorrentes da pesquisa e a discussão dos mesmos serão apresentados em formato de artigo no modelo da revista *cadernos pagu*.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O CORPO DA MULHER NEGRA E SUA IMAGEM
CORPORAL

Rep. Soc. Corpo Mulher Negra Img. Corp.

Isabella Souza

Beatriz Mendonça

. Maria Angélica Bezerra de Oliveira

Faculdade Pernambucana de Saúde

Av. Marechal Mascarenhas de Moraes, 4688

Recife – Brasil

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O CORPO DA MULHER NEGRA E SUA IMAGEM
CORPORAL

SOCIAL REPRESENTATIONS: THE BODY OF BLACK WOMAN AND HER BODY
IMAGE

RESUMO

O presente trabalho utilizou a Teoria das Representações Sociais como referencial teórico para compreender qual a representação social do corpo na perspectiva de mulheres negras. Participaram desse estudo oito mulheres que são vinculadas a uma Organização Não Governamental localizada na Região Metropolitana do Recife. A coleta de dados foi realizada mediante aplicação de questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada e observou-se que a representação social do corpo está relacionada à construção da imagem corporal, com corroborando papéis advindos da escravidão e influenciando também a construção das significações sobre ser mulher negra, da identidade e da subjetividade.

Palavras chaves: representações sociais, corpo, mulheres negras, imagem corporal.

ABSTRACT

The present work used the Theory of Social Representations as a theoretical reference to understand the social representation of the body in the perspective of black women. Participated in this study were eight women who are linked to a Non Governmental Organization located in the Metropolitan Region of Recife. The data collection was carried out by applying a sociodemographic questionnaire and semi-structured interview and it was observed that the social representation of the body is related to the construction of body image, corroborating roles from slavery and also influencing the construction of meanings about being a black woman, of identity and subjectivity.

Key words: social representations, body, black women, body image.

INTRODUÇÃO

O corpo é modificado continuamente de acordo com as mudanças sócio-históricas que ocorrem em todas as sociedades, sendo assim, esse corpo é carregado de todas as ideias existentes socialmente. É através da sua relação com o corpo, desde o seu nascimento, que o indivíduo encontra maneiras de expressar seus valores e sua posição no mundo. A linguagem é o instrumento pelo qual essas ideias são transmitidas e ganham grande lugar na organização social. É através dela que os indivíduos compartilham e constroem o conhecimento acerca do corpo e conseqüentemente, definem maneiras de agir e comportar-se diante deste. A comunicação é a chave do processo do surgimento de significações e representações sociais (Gonçalves, 1997).

As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Deste modo, as representações sociais são elaboradas socialmente a partir da expressão e da relação individual com o objeto e compartilhado através da linguagem, comunicação e conversação a fim de manifestar realidade de determinados conjuntos sociais (Alexandre, 2004).

A partir disto, a representação social é a articulação de elementos afetivos, sociais e mentais, integrados à comunicação, linguagem, cognição e das relações sociais. Sendo assim, as condições que propiciam a produção das representações são a cultura, a comunicação, e a linguagem, ademais a inserção socioeconômica, institucional, educacional e ideológica do sujeito social que a produz (Gomes, 2006).

Entender o corpo a partir das representações sociais é classifica-lo como objetivável, uma vez que os fenômenos de representação também são de nível cognitivo e se referem ao pensamento e noção da vida cotidiana dos inúmeros grupos sociais e sujeitos que constroem esses assuntos (Moscovici, 2007).

De acordo com Schilder, a imagem corporal é o resultado da relação dialética entre biológico e mundo externo. É construída através das figurações que o corpo possui para o indivíduo, pelo modo como o corpo se apresenta. Tais figurações resultam da criação de imagens e representações corporais que o indivíduo tem de si mesmo (Schilder, 1999).

Diante do exposto, o corpo da mulher negra possui características especiais de construção social e individual e a compreensão dessa construção se dá a partir do entendimento do lugar social ocupado pelo negro, este, por sua vez, entendido a partir de uma análise sociohistórica do percurso construído pelos negros e de como esse lugar foi dado a este grupo social. Em se tratando da população negra, as relações corpo-indivíduo-sociedade estão carregadas de peculiaridades, visto que existem marcas históricas determinantes para as relações encontradas nas sociedades atuais (Gomes, 2006).

A escravidão é o principal processo para entender o lugar que foi dado a população negra, esse processo baseado na desumanização desses indivíduos. O corpo da mulher negra durante o período escravocrata também foi explorado e desumanizado. A escrava não tinha controle sobre seu corpo, sendo fonte de prazer e realização plena dos desejos de seus senhores. Não tinham o direito de exercer suas funções maternas, nem de vincular-se afetivamente. Esse processo de desumanização inerente à escravidão estabeleceu para o negro uma peculiar forma de individuação, à medida que não conseguia identificar-se com outros sujeitos, além de outros escravos que também carregavam consigo as significações e representações de mercadoria e de não-indivíduos (Nogueira, 1999).

De acordo com Lélia Gonzalez, as representações sociais das mulheres negras partem de um mesmo sujeito, dentro de um mesmo enquadramento: a mulata, a doméstica e a mãe preta. Sendo essas classificações o referencial para o lugar social ocupado pela mulher negra, todos eles, construídos a partir de imagens sociais advindas da escravidão (Gonzales, 1980).

De acordo com o exposto, as representações sociais possuem um papel importante na expansão do conhecimento sobre determinado objeto e grupo social em que se desenvolve e para o qual se destina. Atualmente, outros meios são utilizados para a manutenção e disseminação de estereótipos relacionados a grupos sociais. A mídia possui esse enorme poder de interferir na construção das identidades do sujeito, oferecendo a base sobre a qual as identificações irão se processar (Faria e Fernandes, 2007). A cultura da mídia oferece a base sobre a qual muitas pessoas constroem seu senso de classe, de raça e etnia, de nacionalidade, de sexualidade; enfim, ela nos ajuda na construção de nossa identidade e na determinação do que seja o “Outro”, o diferente do que somos (Kellner, 2001)

MÉTODO

O estudo foi de natureza qualitativa. No que se refere à pesquisa qualitativa, esta se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (Minayo, 2009).

A coleta de dados começou a partir da aplicação de um questionário sociodemográfico seguido de uma entrevista semi-estruturada com perguntas diretivas sobre representação social do corpo de mulheres negras, entrevista esta que foi áudio gravada e transcrita para análise de dados posteriormente. Foram estudados as representações sociais e a relação com o corpo das mulheres negras segundo as respostas obtidas das mulheres, mediante as perguntas: “Para você, o que é ser mulher?”, "O que é ser mulher negra? ", "Descreva a maneira que você enxerga seu corpo?" e “Em que espaços você encontra mulheres que se identifica?”. A coleta de dados aconteceu nos espaços de uma organização não governamental que trabalha com os direitos das mulheres, na região metropolitana do Recife.

O método de análise dos dados obtidos nas entrevistas foi a Análise de Conteúdo, que considera o texto como um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem (Caregnato e Mutti, 2006)

A elaboração do projeto de pesquisa seguiu as normas e as diretrizes que são propostas na resolução 510/16 e trata-se de uma pesquisa realizada dentro dos preceitos éticos, após o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde, pelo número 91642918.0.0000.5569 e obtenção do termo de consentimento livre e esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo foi realizado com oito mulheres que fazem parte das rodas de terapia comunitária promovidas por uma organização não governamental localizada na região metropolitana do Recife. De todas as mulheres entrevistadas, apenas uma delas não se declarou como negra, entrando nos critérios de exclusão estabelecidos anteriormente. A faixa etária abrange entre 19 e 78 anos de idade, com um média de 42 anos. A respeito do estado civil, quatro delas informaram ser solteiras e três delas, casadas.

A renda familiar informada pelas participantes está situada entre um e dois salários mínimos e apenas uma delas informou não possuir renda. Considerando o grau de escolaridade, uma delas informou possuir ensino superior completo, quatro mulheres informaram possuir ensino médio completo, uma delas possui ensino médio incompleto e por último, uma informou possuir ensino fundamental incompleto. Referente a ocupação, seis informaram possuir ocupação definida entre trabalho informal, trabalho formal e estudos e, apenas uma, informou não possuir ocupação.

A partir do material obtido pelas entrevistas foi possível identificar o conhecimento sobre si, como também as ferramentas utilizadas pelas mulheres negras na construção de sua imagem corporal. Conhecimento este encontrado e estabelecido a partir da relação da mesma com sua família, o local onde mora e a cultura em que está inserida. Tais ferramentas que colaboram na construção desse conceito tão importante sobre si são alteradas com o tempo, assim como o próprio conceito em si. O homem, como ser social, a partir da sua constante relação com o meio altera e é alterado pelos conceitos, conhecimentos e representações sociais.

Após realizada a análise de conteúdo foram estabelecidas três categorias agrupadas a partir do conteúdo presente no texto das entrevistas: 1) Representações e significações de ser mulher; 2) As funções do corpo e a construção da imagem corporal; 3) Subjetividade e construção da identidade.

1) Representações e significações de ser mulher

A Teoria da Representação Social perpassa por vários campos das ciências humanas, na psicologia social, ecoa o modo como os indivíduos, os grupos, os sujeitos sociais, constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social, cultural. E também o modo como a sociedade se dá a conhecer e constrói esse conhecimento com os indivíduos (relação sujeito-objeto), tudo isso perpassando pelo esteio da comunicação (ARRUDA 2002).

Leila Gonzalez, discorre sobre o discurso e o lugar da mulher negra. Considerando o contexto sócio histórico brasileiro, e levando em conta marcadores como a escravidão e a teoria do branqueamento para a construção da representação social do povo negro no Brasil.

“Mulher é ser tudo, abrange tudo, ser livre apesar dos pesares que tem ao redor, ser mãe, ser pai ao mesmo tempo, não é o fato de ser de gênero...Dos pesares da sociedade. Que as vezes não aceita a mulher em certo tipo de emprego, de rebaixar a mulher pelo fato de ser mulher. Ai por isso que essa força de mulher, é resistência, é ter resistência pra tudo o que possa acontecer”. (Dandara, 24)

“Meu ponto de vista, que a mulher, ela não é fraca, mas ela ao ver do homem, assim, em comparação o homem tem mais força, então, a gente fica meio que na resistência, assim, para tentar fazer alguma coisa e não ser totalmente agredida... não sou frágil, mas eu passei por muita coisa pra eu ver isso” (Luíza, 32)

Ao analisar a fala de Dandara, podemos perceber como ela atribui a figura da mulher o papel materno à “mãe-preta”, conceito trazido por Lélia Gonzalez para designar lugar ocupado pela mulher negra que representa o que a sociedade branca e burguesa espera dela de acordo com o histórico social: resignação, simpatia, passividade diante das situações de violência e opressão. Gonzalez busca redesenhar a representação da “mãe-preta” colocando-a como um sujeito político ativo e que possuiu grande importância na criação de formas de resistência (CARDOSO, 2012).

Em sua fala, Luiza retoma o mito da fragilidade feminina, que justificou e justifica historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres e que não se adequa as mulheres negras, que fazem parte de um contingente de mulheres, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca foram tratadas como frágeis, mas sim, trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas (CARNEIRO, 2011).

“Ser mulher negra é muito difícil né, porque a gente sofre muito, é muito racismo, muito bullying por onde a gente passa. É difícil, mas eu gosto de ser negra.” (Maria, 19).

“É trazer uma carga, pra mim uma carga muito... valorosa, a princípio valorosa, mas muito pesada. Acho que você se ver como mulher, principalmente em vários espaços, ainda é muito pesado você carregar o peso de ser mulher nas costas, mas eu gosto, eu gosto da luta, eu gosto da guerra, eu gosto de me sentir mulher, eu gosto de ser mulher, agora, que é difícil, né, se impor, se expor, se ver em determinados lugares...”. (Ana, 52)

“O pessoal acha, faz esse prejulgamento da gente, da mulher negra de só a gente pra comprar ‘essa mulher não tem dinheiro pra comprar, essa mulher deve trabalhar de doméstica, essa mulher deve ser isso’... muito difícil você chegar num lugar e ser olhada, assim de lado, eu já fui muitas vezes e não foi bom, eu sai da loja” (Luíza, 32).

Diante do exposto, podemos perceber então a relação entre doméstica, racismo e sexismo, trazida por Lélia Gonzalez (1980). Essa categoria revela-se historicamente destinadas às afro-brasileiras, ligada as atribuições da casa grande e outras tarefas de servidão. Barreto (2005) reforça que essas mulheres incorporavam a inferioridade e a subordinação, além disso, estavam expostas ao assédio sexual de seus patrões.

O que deveria ser considerado como reminiscências do período colonial permanece vivo no imaginário social e adquire novas funções e contornos baseados no mito da democracia racial. As mulheres negras possuem uma experiência histórica diferente e o discurso clássico a respeito das opressões vivenciadas pelas mulheres não dar conta, da mesma forma que não abrange a diferença qualitativa que o efeito da opressão teve e ainda tem na identidade de mulheres negras (Carneiro, 2011).

Atualmente, essas representações trazidas de vivências do período escravagista e colonial continua ganhando força e espaço através de novos dispositivos engendrados socialmente, no dia a dia, entre as relações interpessoais, através de frases educadas e eufemismos, alimentando a ideia de que o preconceito não existe, como também utilizando da mídia e meios de comunicação para incluir esses discursos no imaginário social.

A televisão, por exemplo, não é o espaço da narrativa do real, mas da construção do real. Sendo essa construção perpassada nitidamente por processos de controle político da realidade que objetivam homogeneizar o coletivo. No contexto brasileiro, podemos citar a telenovela presente no dia a dia dos indivíduos em horários distintos, mas de maneira maciça, desempenhando o papel de construção da realidade. A telenovela é responsável por elaborar e propagar modelos identitários que serão referência para o espectador (Faria E Fernandes, 2007).

“É bonito quando você vê, por exemplo, Taís Araújo falando, a gente sabe que ela nem sempre foi daquele jeito, a Jeniffer, a que foi de malhação agora está no pop star, ela sofreu muito, já li um pouco da história dela, sofreu muito, nem sempre foi assim, ela um dia foi como eu talvez, “tô” me sentindo hoje, ela um dia foi assim, mas se empoderou...” (Ana, 52).

A fala trazida por Ana remonta a ideia de que a mídia possui papel muito importante na disseminação das representações sociais sobre as mulheres negras, considerando o papel de reprodução quanto aos papéis sociais anteriormente citados, com os quais as mulheres se identificam porque são, quanto na produção de modelos identitários atuais, com os quais as mulheres desejam tornar-se.

2) As funções do corpo e a construção da imagem corporal.

A conceituação do corpo é realizada a partir de diversas, amplas e distintas perspectivas, como a social, a científica, a psicológica, a biológica, entre outras. Tais perspectivas e diferentes formas de conceber o corpo quando compartilhadas socialmente constroem e determinam as diferentes formas de sentir, vivenciar e se relacionar com o próprio corpo (Jodelet, 2004). Compreender o corpo a partir da Teoria das Representações Sociais nos fornece o conhecimento necessário acerca da relação que as pessoas têm com o próprio corpo, sob a influência dos modelos de comportamento e pensamento.

No Brasil, a maioria da população é negra e miscigenada, configurando corpos voluptuosos, com formas grande e específicas. No entanto, extremamente atrelado à relação existente entre poder e capital, o padrão de beleza elitizado e valorizado é aquele existente entre as pessoas de cor branca, existente no continente europeu e que possui maior visibilidade e valorização na sociedade brasileira. É evidente que, socialmente, esse padrão corporal excludente e autoritário, imprime diferença e cria estereótipos, influenciando diretamente na construção da imagem corporal de mulheres negras.

Para Tavares, a imagem corporal é o ponto inicial para o desenvolvimento da identidade do indivíduo. Ainda de acordo com Tavares, é através da imagem corporal que são refletidas as histórias de vida do indivíduo, o percurso que foi traçado pelo corpo e demonstram as formas de existência do mesmo. É através da imagem corporal que o indivíduo demonstra como está construindo a relação com seu próprio corpo (Tavares, 2003).

Para a mulher negra, sua identidade pode se fragmentar devido a angústia que é sentida através da não aceitação de seu próprio corpo, podendo buscar diversas formas de transformá-lo, muitas vezes, radicalmente. Esses procedimentos são perigosos uma vez que, a única referência que a mulher negra tem de “ser”, foi construída a partir do referencial estético que ela está desejando alterar (González Rey, 2003).

“Eu enxergo meu corpo lindo, amo meu corpo, amo minha bunda, me acho linda em todos os aspectos, até no cabelo ... Meu corpo em si eu não mudaria nada, nem minha cor. Eu acho que eu mudaria meu cabelo, porque eu já mudei, eu vivo na base da progressiva, a base natural seria um Bombril. ” (Bruna, 30)

Considerando o passado sócio histórico trazido pela escravidão na construção social das mulheres negras e a relação trazida por Lélia Gonzalez, no presente estudo é possível destacar elementos trazidos pelas mulheres entrevistadas que conferem sentido à percepção do corpo enquanto funcional, enquanto instrumento para o trabalho e o serviço.

“Eu enxergo meu corpo normal, eu gosto do meu corpo do jeito que ele é, assim, normal... Do jeito que meu peito pequeno e o de alguém grande, vai ser igual. Se eu for dar de mamar, vai sair leite do mesmo jeito. ” (Maria, 19)

A partir do que é dito por Maria a respeito do seu corpo, a mesma atrela o seu significado e a forma como ela o percebe à função de amamentação, caracterizando-o como um corpo “normal”, que cumpre e/ou cumprirá com as funções que a ele são atribuídas. No período escravagista, as mulheres negras eram obrigadas a ser amas de leite dos filhos de seus senhores, tendo papel fundamental na amamentação. Seus corpos voluptuosos despertavam asco de seus senhores e suas esposas do mesmo modo que os homens de poder utilizavam-no para conseguir prazer e tarefas sexuais. As senhoras de engenho mantinham com as escravas uma relação ambígua, uma vez que tinham conhecimento sobre as atitudes de seus esposos, mas, precisavam das escravas para a amamentação e cuidado com seus filhos (Nogueira, 1999).

“Meu corpo eu enxergo não sei nem como, viu?... Eu gosto mesmo é de trabalhar.” “Eu tirava planta, cortava cana, trabalhava nas casas, trabalhava de cozinheira, tudo eu fazia ... ” (Joana, 78)

Esse trecho remonta situações e contextos que iniciaram na escravidão, com a exploração das mulheres negras e perduraram através do sistema de representações sociais, colaborando para que mulheres negras que não vivenciaram a escravidão, internalizassem esses papéis comuns às escravas da época.

“Eu acho que meu corpo as vezes, eu me vejo como um elefante, é muita coisa em mim ... (Ana, 52)”

“Eu não consigo dizer não... a minha boca tem vontade de dizer ‘não, não quero ir’, mas o meu corpo, aliás, o meu coração o meu sentimento é de dizer sim, porque, porque eu gosto de fazer, então quando eu gosto é bom, você pode tá cansada... (Ana, 52)”

“É... deixa eu ver, atrativo, porem eu mesma não achando, mas é atrativo, não só o corpo quanto o rosto físico, né... eu sou normal, eu não quero me ‘acha’, ta entendendo? Mas é, assim, eu vejo também atrativa, na relação de atrativa, porque é muita cantada, meu deus (Luíza, 32).”

Tais falas remontam a ideia existente de que a mulher negra deve está sempre pronta para servir, para atender aos desejos e exigências das outras pessoas, além da relação muito próxima da atração corporal do corpo da mulher negra. Ambas as falas demonstram que existe desejo externo sob o corpo da mulher negra, seja como atração física ou como subserviência e passividade.

3) Subjetividade e construção da identidade

De acordo com Baró, a identidade pode ser compreendida como o resultado da ação do indivíduo e da sociedade, quando formada na junção de forças sociais que atuam sobre o indivíduo em que ele próprio opera e constrói a si mesmo (Baró, 1989, citado por González Rey, 2003). A identidade está intimamente relacionada aos sistemas de representações sociais, uma vez que representar é atribuir sentido a algo, a alguém. Sentido esse que é posto através da linguagem como um sistema de signos linguísticos.

Segundo Stuart Hall, o estereótipo estabelece a divisão entre o normal e o anormal. No entanto, afirma Hall, para ocorrer o processo de estereotipação é necessária uma acentuada clivagem social que reitera as desigualdades de poder socialmente existentes. Poder este, aqui entendido não apenas pelo controle econômico, mas que se estende ao poder através do controle cultural, simbólico e da linguagem (Hall, 1997)

Já a subjetividade é caracterizada como um sistema complexo, produzido simultaneamente nos âmbitos individual e social. Não deve ser associada unicamente às experiências atuais de sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência ganha sentido e significação na constituição subjetiva da história do indivíduo, seja social ou individual (González Rey, 2003).

Neste trabalho, algumas falas trazidas pelas mulheres entrevistadas destacam essa relação do social na construção da sua identidade e subjetividade. Relações e representações, histórico familiar e relações interpessoais atuais.

“Hoje a gente já vê mulheres negras em todos os âmbitos, né? Mas eu me identifico muito com aquelas mulheres de garra ... E também me identifico com professoras minhas que já passaram na minha vida (Bruna, 30).”

“Eu me identifico muito com a minha mãe, né? Por ser minha mãe... então eu me identifico muito com ela, pela força, pela mulher guerreira que ela é (Bruna, 30)”

A constituição do sujeito ocorre a partir de uma rede de informações complexas e zonas de sentido que operam simultaneamente e transitam entre identificações e mudanças. A instância social é o espaço gerador de sentidos que são produzidos a partir da experiência do sujeito e atua como produtora de sentido a partir da sua rede de relações (Furtado et al, 2014).

“Eu me identifiquei muito na escola, na escola eu sofri muito bullying, mas lá eu também me identifiquei muito... algumas colegas que até hoje são minhas colegas (Maria, 19).”

“Não me identifico nada, né. Ela fica pra lá e eu fico pra cá, se ela for preta como é eu, eu ainda dou um “valorzinho”, mas se ela for essas brancas, eu não dou não (Joana, 78)”

Para Stuart Hall, o período escravista foi o ponto de partida para a criação da diferença racializada, uma vez que os negros africanos eram reduzidos à diferença de seus corpos, e a naturalização, como estratégia para fixar a diferença (Cardoso, 2012).

“Eu me identifico muito com mulheres guerreiras, de garra, que em meio a muitos embates, elas estão ali lutando, são guerreiras, estão firmes (Bruna, 30).”

A identidade pode ser considerada como algo que move os indivíduos em direção às diferentes representações a que são interpelados pelos sistemas culturais. Entrelaça o sujeito ao contexto em que está inserido, juntando sentimentos subjetivos à lugares objetivos que ocupa no social e no individual. Sendo assim, os indivíduos projetam as identidades culturais e absorvem seus significados e valores, incorporando a eles mesmos. A construção do sentido de identidade referente ao indivíduo é o aspecto básico para a organização de uma imagem corporal coesa (González Rey, 2003).

Para a mulher negra, sua identidade pode se fragmentar devido a angústia que é sentida através da não aceitação de seu próprio corpo, podendo buscar diversas formas de transformá-lo, muitas vezes, radicalmente. Esses procedimentos são perigosos uma vez que, a única referência que a mulher negra tem de “ser”, foi construída a partir do referencial estético que ela está desejando alterar

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações sociais possuem papel importante na construção e manutenção das identidades e subjetividades das mulheres negras e conseqüentemente de sua imagem corporal. As ideias perpetradas no imaginário social promovem a construção de identidades relacionadas aos espaços sociais historicamente ocupadas pelas mulheres negras, advindos da escravidão.

A compreensão do corpo como funcional, instrumento e ferramenta de trabalho, têm sua origem no momento histórico em que eram vistas apenas como objeto de servidão, como amas de leite ou instrumento sexual de seus opressores e exploradores. É possível verificar que tais ideias continuam presentes na maneira como essas mulheres se expressam e se identificam, destacando que palavras como “guerreiras e fortes” são recorrentes e presentes nas falas das mesmas, reiterando essa posição.

Os corpos de mulheres negras não se enquadram no padrão corporal valorizado socialmente, baseado em características brancas e europeias, despertando o sentimento de não pertencimento e reforçando a posição de corpos-marginais existente na sociedade. O modelo excludente e autoritário mantém as ideias atuais de identidade e diferença, reiterando a relação entre poder econômico, status e identidade social.

Desta maneira, torna-se necessário inúmeras as iniciativas de autovalorização da mulher negra, principalmente nas questões estéticas como o uso do cabelo natural, roupas e acessórios pertencentes a cultura afro. Os movimentos negros contemporâneos invocam da ancestralidade africana, buscando criar uma etnicidade própria, fortemente vista no resgate da culinária africana, da valorização de elementos de beleza afro (sobretudo na mulher negra), elementos que ligadas a outras questões, representam um rompimento com a mestiçagem e com outros valores ditos como “valores brancos”. Formando assim, um discurso de “negritude” que toma para si o ideal de “poder para o povo preto”.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Marcos. Representação social: uma genealogia do conceito. *Comum* (10), Rio de Janeiro - RJ, 2004, pp. 122-138
- ARRUDA, Angela. A representação social seria uma forma de conhecer. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, p. 127-147, 2002.
- BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzáles. *História Social da Cultura*, PUC-Rio, 2005.
- CARDOSO, Claudia Pons. Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras. Tese de Doutorado, Salvador – BA, 2012.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino. MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis – SC, 2006, pp. 679-84.
- CARNEIRO, Silvia. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Geledés – Instituto da Mulher Negra São Paulo*, São Paulo, 2011. [<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>- acesso em 17 nov 2018]
- FARIA, Maria Cristina Brandão de. FERNANDES, Danubia de Andrade. Representação da identidade negra na telenovela brasileira. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 2007, pp. 3-15.
- FURTADO, Marcella Brasil. PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. ALVES, Cândida Beatriz. *Cultura, Identidade e Subjetividade Quilombola: Uma leitura a partir da psicologia cultural. Psicologia & Sociedade*. Brasília – DF, 2014, pp. 106-115.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir*. Campinas – SP, Papyrus, 1997, pp 120-146.
- .GONZALEZ, Lelia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências sociais hoje*. Rio de Janeiro – RJ, pp- 223-244,1980.
- GONZÁLEZ-REY, Fernando. *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico cultural*. São Paulo – SP, Thomsom, 2003.
- GOMES, Betânia. O corpo na representação social das mulheres da comunidade boa esperança, Dissertação de Mestrado, Educação, João Pessoa – PB, 2006.
- GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Minas Gerais, Autêntica, 2017.
- KELNNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru – SP, EDUSC, 2001.
- MOSCOVICI, Serge. *Representação social: investigação em psicologia social*. Petrópolis – RJ, Vozes, 2007, pp 335.
- NOGUEIRA, Isildinha Baptista. O corpo da mulher negra. *Revista Pulsional de Psicanálise* (135). São Paulo – SP, 1999, pp. 40-45.

SCHILDER, Paul. *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. São Paulo – SP, Martins Fontes, 1999.

TAVARES, M. *Imagem corporal: conceito e desenvolvimento*. 1 ed. Barueri, SP: Manole, 2003.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS A RESPEITO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Este trabalho contém uma discussão acerca da construção da imagem corporal de mulheres negras, bem como a forma como elas vivenciam esse corpo e constroem sua identidade e subjetividade. Durante a produção, em especial a realização das entrevistas em campo e análise das mesmas, os conteúdos adquiridos demonstram a relação muito próxima das representações sociais que corroboram os papéis dados às mulheres negras durante o período da escravidão e que permanecem ativos no imaginário social, com a construção de seus papéis sociais atuais.

O uso do corpo como instrumento para alcançar determinado fim é algo característico do sujeito e é alterado de acordo com os momentos históricos em que estão inseridos. Considerando a contemporaneidade, em que o uso do corpo está pautado na obtenção de prazer e felicidade, as mulheres negras trazem o estigma de seu passado histórico e nesse sentido revivem a exploração, não reproduzindo os padrões de comportamentos contemporâneos e/ou não compreendendo-os.

Nesse sentido, trabalhos acadêmicos que se proponham a discutir temas relacionados às mulheres negras em sua diversidade e passado histórico são muito importantes para a aproximação dessas realidades do mundo acadêmico, ampliando as formas de conhecimento e atuação profissional e colaborando para um ambiente científico que seja menos racista e sexista. Além disso, procurou-se, neste trabalho, produzido por mulheres negras e direcionado para elas, reiterar a necessidade e a importância de representatividade, como também de mais mulheres negras que ocupem espaços de poder.

Por fim, para corroborar com o que foi dito anteriormente, Angela Davis tão brilhantemente nos diz: “Quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. É necessário movimento. É necessário conquistar espaços.

VII. REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, M. Representação Social: uma genealogia do conceito. **COMUM**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 23, p. 122-138, jun./dez. 2004. Disponível em: <<https://www.facha.edu.br/pdf/Comum23.pdf#page=123>>. Acesso em: 12 abr. 2018.
- ARRUDA, A. A representação social seria uma forma de conhecer. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L], n. 117, p. 127-147, mai./nov. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf//cp/n117/15555.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2018.
- BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzáles. Rio de Janeiro, 2005.
- CAREGNATO, R., MUTTI, R., Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. Programa de Pós-Graduação em Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2005.
- CARDOSO, C. P. Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras. **Tese (doutorado)**, Salvador, mai./nov. 2012.
- CARNEIRO, S., Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Rio de Janeiro, 2003.
- CORRÊIA, M. Sobre a invenção da mulata. 1996.
- DAMASCENO, J. O corpo do outro. Construções raciais e imagens do corpo feminino negro: O caso da vênus hotentote. **Fazendo Gênero**, Florianópolis, v. 8, ago. 2008.
- FARIA, M., FERNANDES, D. Representação da identidade negra na telenovela brasileira. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Agosto de 2007.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências sociais hoje**, Rio de Janeiro, p. 223-244, out. 1980.
- GOMES, B. O corpo na representação social das mulheres da comunidade boa esperança. **Dissertação (Mestrado em Educação)**, João Pessoa, jan./dez. 2006. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/4715>>. Acesso em: 19 abr. 2018.
- GOMES, N. L. **Sem perder a raiz**: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2 ed. Minas Gerais: Autêntica, 2017.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- LOPES, M., MENDES, R., SOUSA, S. SER MULHER: uma análise da imagem corporal entre adolescentes. **Espacios**, v. 38, n. 29, p. 3, jan. 2017.
- MINAYO, M. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro, 2009.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 45 p.

MOSCOVICI, S. **Representação social: investigação em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 35 p.

NEVES, M. A concepção de raça humana em Raimundo Nina Rodrigues. 2008.

NEVES, M., STEFANO, W. Mestiçagem e eugenia: um estudo comparativo entre as concepções de Raimundo Nina Rodrigues e Octavio Domingues. 2007

NOGUEIRA, I. B. O corpo da mulher negra. **Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, v. 13, n. 135, p. 40-45, nov. 1999. Disponível em: <<http://www.negromidiaeducacao.xpg.com.br/artigos/O%20corpo%20da%20mulher%20negra%20-%20Isildinha%20Nogueira.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

SCHILDER, P. A imagem do corpo: as energias construtivas da psique. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TAVARES, M. Imagem corporal: conceito e desenvolvimento. 1 ed. Barueri, SP: Manole, 2003.

APÊNDICE 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data da coleta:

- Identificação
 - a. Qual o seu nome?
 - b. Qual a sua idade?
 - c. Qual seu estado civil?
 - d. Qual a sua renda familiar?
 - e. Qual o seu grau de escolaridade?
 - f. Atualmente, qual a sua principal ocupação?

- Representação, corpo e imagem corporal
 - a. Qual a sua cor?
 - b. Como você definiria seu corpo?
 - c. Quais os cuidados que você mantém com seu corpo?
 - d. Como você aprendeu a valorizar seu corpo?
 - e. Quais lugares de destaque que você vê mulheres negras?

APÊNDICE 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Faculdade Pernambucana de Saúde

TÍTULO: **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O CORPO DA MULHER NEGRA E SUA IMAGEM CORPORAL.**

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS: Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa intitulada **“Representações sociais: o corpo da mulher negra e sua imagem corporal.”**. O objetivo desse projeto é “compreender qual a representação social do corpo na perspectiva de mulheres negras”.

Os procedimentos de coleta de dados ocorrerão mediante aplicação de entrevista semiestruturada que será gravada e transcrita para o posterior processamento e análise de dados. O período de participação da voluntária na pesquisa começará a partir do momento em que a mesma aceitar participar livremente, mediante assinatura deste termo. Terminará assim que os objetivos da pesquisa forem cumpridos e as informações sobre o estudo forem fornecidas.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS: Poderá ser observado algum desconforto causado pelo tempo dedicado à entrevista, bem como possível constrangimento relacionado à entrevista. No entanto, as pesquisadoras realizarão as entrevistas individualmente, preservando o sigilo das informações e a privacidade das participantes. Os benefícios são caracterizados pela possibilidade de reflexão acerca do tema, a partir das experiências pessoais com seus corpos, que poderá servir como ponte para um caminho de empoderamento feminino.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

As pesquisadoras irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada junto com o pesquisador e outra será fornecida a você.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você nem você receberá retorno financeiro pela participação.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE

Eu, _____ fui informada dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. As pesquisadoras Profa. Ms. Maria Angélica Bezerra de Oliveira as estudantes Isabella Ferreira de Assis Souza e Beatriz Mendonça Azevedo Bezerra da Silva, certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa e não terei nenhum custo com esta participação.

Em caso de dúvidas poderei ser esclarecido (a) pelos pesquisadores responsáveis, através dos telefones (81) 98156-5957, (81) 99890-0605, (81) 99927-9908 respectivamente. Endereço respectivos: Rua Elizeu Cavalcante, 246, apt 202H cordeiro- PE. Ou, ainda, pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde, sito à Av. Mascarenhas de Moraes, nº 4861, Imbiribeira, Recife – PE. Tel.: (81)3035-7732 que funciona de segunda a sexta feira no horário de 09:00 às 11:30 e de 14:00 às 16:00 no prédio administrativo e pelo e-mail: comite.etica@fps.edu.br.

O CEP-FPS objetiva defender os interesses dos participantes, respeitando seus direitos e contribuir para o desenvolvimento da pesquisa desde que atenda às condutas éticas.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome	Assinatura do Participante	Data
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data

ANEXO I

CARTA DE ANUÊNCIA

Hma. Sra. Nivete Azevedo de Mendonça Silva

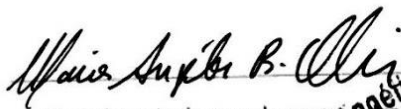
Coordenação Geral do Centro das Mulheres do Cabo

Vimos por meio desta solicitar autorização institucional para realização do projeto de pesquisa intitulado "Representações Sociais: o corpo da mulher negra e sua imagem corporal." realizado pelas pesquisadoras Maria Angélica Bezerra de Oliveira, Isabella Ferreira de Assis Souza e Beatriz Mendonça Azevedo Bezerra da Silva. O objetivo da pesquisa é compreender qual a representação social do corpo na perspectiva de mulheres negras.

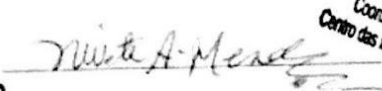
Ressaltamos que os dados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e serão utilizadas exclusivamente para os objetivos deste estudo.

Informamos também que o projeto só será iniciado após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde CEP/FPS.

Recife, 04 de junho de 2018


Carimbo e Assinatura do pesquisadora
Angélica Oliveira
Psicóloga
CRP - 02/14048

concordo com a solicitação () não concordo com a solicitação


Carimbo e assinatura da responsável
Centro das Mulheres do Cabo
CNPJ: 08.146.755/0001-00
Rua Padre Antônio Alves, 20
Centro - Cabo de Santo Agostini
CEP: 54.505-230

Centro das Mulheres do Cabo

ANEXO 2

Normas para submissão de artigos para o Cadernos Pagu

Cadernos Pagu, publicação quadrimestral interdisciplinar, publica artigos inéditos que apresentem contribuições científicas originais; são também publicados debates em torno de textos teóricos relevantes no campo dos estudos de gênero, a partir da seleção e indicação do Comitê Editorial. Publica, ainda, dossiês temáticos, entendidos como conjuntos articulados e heterogêneos de artigos que propiciem reflexão crítica sobre o tema em foco, suas diferentes e divergentes fontes teóricas, conceituais e metodologias de pesquisa.

É particularmente desejável que os artigos enviados para a revista tenham abrangência social e política, isto é, que não se esgotem no tratamento de uma questão isolada do contexto social e das relações políticas, contribuindo assim para que análises específicas apresentem vinculações com questões mais amplas. É recomendado que os colaboradores busquem citar autores de outras procedências que não apenas os do eixo anglo-saxônico, comumente usado como referência para os estudos de gênero, ampliando assim o leque de referências teóricas.

‘Os artigos submetidos ao *cadernos pagu* devem ser **inéditos**. Não serão aceitos artigos em processo de avaliação por outros periódicos. O conteúdo dos trabalhos assinados é da exclusiva responsabilidade dos/as autores/as, assim como a seleção de descritores (palavras-chave). *cadernos pagu* tem publicado contribuições das áreas de Antropologia, Sociologia, História, Ciência Política, Letras e Linguística, História da Ciência, Educação e, mais recentemente, ampliado para áreas do Direito, Psicologia, Comunicação, Saúde Coletiva e Serviço Social.

cadernos pagu estimula a publicação de artigos de diferentes áreas disciplinares, desde que estabeleçam uma discussão com as teorias de gênero e feministas, buscando articulações entre gênero e outras diferenças (raça/etnia, cultura, classe, idade/geração, sexualidade e outras). São bem-vindas contribuições em língua portuguesa, espanhola ou inglesa.

Orientações para colaboradores

Leia atentamente a seção sobre escopo e política editorial da revista.

O nome ou qualquer referência (título de dissertação, tese, ou publicação com indicação de autoria) ao/a autor/a não deverá constar no corpo do texto, garantindo o anonimato do processo de avaliação e seleção. Textos que não obedecerem a essas orientações serão devolvidos. Imagens e/ou figuras devem ser enviadas em formatos jpeg ou tiff, resolução 300 dpi. A responsabilidade pelos direitos autorais de reprodução ficará a cargo do/a autor/a.

Os títulos de livros e revistas mencionados no corpo do texto devem vir em itálico, assim como as palavras estrangeiras. As ênfases do autor devem vir em negrito. Os artigos devem ter até 9000 palavras ou 45000 caracteres (com espaço), incluindo resumo (no máximo sete linhas) e abstract, palavras-chave (no máximo cinco) e título, ambos em português e inglês.

NOTAS DE RODAPÉ
Numeradas consecutivamente ao final de cada página, incluindo apenas comentários. Os/as autores/as devem ser destacados no corpo do texto, seguindo a seguinte orientação: sobrenome do autor, ano da obra, dois pontos, página (Strathern, 2006:25-26). Obras publicadas no mesmo ano devem ser diferenciadas pelas letras do alfabeto (1988a - 1988b).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
As referências bibliográficas devem ser citadas ao final do artigo (resenha, documento, entrevista), obedecendo os seguintes critérios:

LIVRO - sobrenome do autor, nome do autor. Título do livro (itálico). Local de publicação, editora, data, páginas. [STRATHERN, Marliyn. O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas-SP, Editora da Unicamp, 2006 (1988)].

CAPÍTULO DE LIVRO - sobrenome do autor, nome do autor. Título do capítulo (sem aspas). In: sobrenome do autor, nome do autor. Título do livro (itálico). Local de publicação, editora, data, páginas. [ALGRANTI, Leila Mezan. Conventos e recolhimentos em Portugal e na América portuguesa: um estudo comparativo sobre instituições de reclusão feminina (séculos XVII e XVIII). In: COVA, Anne; RAMOS, Natália e JOAQUIM, Teresa. (orgs.) Desafios da Comparação: Família, mulheres e gênero em Portugal e Brasil. Oeiras, Celta, 2004, pp.65-88.]

ARTIGOS EM REVISTAS - sobrenome do autor, nome do autor. Título do artigo (sem aspas). Nome da revista (itálico). Local de publicação, data, páginas. [CORRÊA, Mariza. Trampas do Traje. *cadernos pagu* (22), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2004, pp.185-200.]

DISSERTAÇÃO E TESES - sobrenome do autor, nome do autor. Título da dissertação ou tese (sem itálico). Disciplina, Universidade, data. [ALBUQUERQUE, Maria Elisa Vercesi de. Publicidade na TV: o fenômeno da longevidade do garoto Bombril. Dissertação de mestrado, Sociologia, Unicamp, 2000.]

PUBLICAÇÕES EM MEIO ELETRÔNICO—seguir os critérios acima e acrescentar endereço eletrônico e data de último acesso. [PISCITELLI, Adriana. On Gringos and Natives, gender and sexuality in the context of international sex tourism. *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology*, ano 1, nº1, Brasília, 2004 [<http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/vibrant/article/viewArticle/241>—acesso em 20 ago 2013].